

## Memória da Polifonia vocal no Funk

Thiago Barbosa Alves de Souza<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo aborda a tendência emergente, observada em diversos funks do ano de 2018, de sobrepor várias camadas de voz na base musical. Abandonando o paradigma dos chamados *samples*, que eram fragmentos musicais extraídos de outras gravações, o uso de várias camadas de voz aproxima as composições do gênero de uma escuta polifônica medieval e renascentista. Também traz a mesma problemática que acompanha a polifonia vocal quanto a ininteligibilidade da palavra cantada.

Utilizo aqui como modelos de descrição desta sobreposição vocal no Funk diversas músicas lançadas no ano de 2018, culminando em *Então Desce do Carro* (2018), dos MC's MR Bim e Kitinho, com produção musical do DJ KR3, em que há várias vozes sobrepostas na base musical que acompanha o ritmo do Funk.

Utilizando diversas ideias de Murray Schafer, Diana Deutsch, Allan W. Atlas, Richard Middleton e Carlos Palombini, este texto busca formalizar esta maneira, que acredito estar em ascensão, de elaborar e ouvir o Funk, constituindo assim um novo marco estilístico na História do gênero. Ao mesmo tempo, trago alguns caminhos para uma significação sonora e linguística – a partir de uma concepção jakobsoniana – para esse comportamento polifônico nas obras.

### Palavras-chave

Funk; Historicização da Escuta; MC's MR Bim e MC Kitinho; DJ KR3; Música Renascentista.

### O mal-estar diante da putaria

Ao saberem que o funk era meu objeto de pesquisa, algumas moças me pediram que colocasse "um funk" pra tocar – estávamos numa festa privada de amigos. Dou o *play* em um funk e logo ouço a desaprovação de minhas amigas da classe-média paulistana: "ah, não! Esse não. Essa letra é pesada" ou "esse não, ponhe um 'funk-pop'".

Este episódio cotidiano serve aqui como um indício um tanto autoetnográfico de um fenômeno social e musical. As músicas escolhidas por mim nas duas ocasiões pertencem ao subgênero mais conhecido como *funk putaria*, também chamado de *funk sensual* ou *funk*

---

<sup>1</sup> Pesquisador, bacharel em Composição Musical pela UNESP, mestre em Processos e Procedimentos Artísticos pela mesma instituição, com dissertação sobre a discussão da legitimidade musical do Funk na universidade, nas redes sociais e plataformas digitais. Também é técnico em Música pela FASCS, autor de dois livros e atua como professor de Música.



*ousadia*, subgênero mais consumido, seja nas festas abastadas ou nos fluxos – bailes funk de rua ocorridos em comunidades. E não é que minhas conhecidas não gostassem deste tipo música, ou do elemento dionisíaco exaltado nas letras, não gostaram, na verdade, das músicas que eu escolhi.

E qual a razão da repulsa? Há certamente muitas respostas, uma delas é que os sons que coloquei pra tocar eram destinados a outro público. Não eram funks *mainstream* destinados ao público mais elitizado, como muitos funks putaria o são. Por isso, era esperado que as jovens não gostassem dos funks que escolhi: *Louco pra tocar*, dos MC's Brisola e GW e DJ Yuri Martins e a montagem<sup>2</sup> *"Posso te empurrar vs Boto o colchão no chão"* dos MC's Arraia, Nego da Marcone, Torugo e DJ DN.

Esta diferença de públicos, de pessoas, de classes expõe as disparidades sociais, interessante objeto de estudo dos sociólogos, antropólogos e filósofos<sup>3</sup>. Mas, quero trazer o incômodo musical, uma questão musicológica, que interessa, portanto ao musicólogo.

Se inicio o artigo relatando esta situação ocorrida é porque os funks que serão abordados aqui pertencem a uma categoria “menos pop” restrita a grupos menos elitizados, mas que pode se tornar um elemento interessante ao *mainstream*, como o funk 150 bpm, que saiu das comunidades cariocas e agora está presente nos mais diversos contextos midiáticos.

Também, destaco o mal-estar social com as sonoridades e letras do funk putaria, pois este mesmo mal-estar parece estar inseparável à sua estética.

## Marcos e tendências no Funk

Desde o início do funk carioca (PALOMBINI e VIANNA), e até mesmo antes do gênero se consolidar, o funk passa por contínuas transformações ainda mais no atual momento em que a música pode ser uma valiosa mercadoria, fazendo com que muito se produza, numa espécie de garimpo sonoro que busca um ouro: um hit de sucesso.

<sup>2</sup> Neste caso, a montagem ocorre quando um DJ faz a interação sucessiva e, às vezes, simultânea de duas ou mais músicas, criando, assim, uma nova composição que tem como material músicas distintas. Por isso, há no título acima a sigla *vs*, indicando o “confronto” de duas músicas.

<sup>3</sup> Em entrevista dada a mim, a historiadora e antropóloga Adriana Facina (UFRJ) aborda o mal-estar social que o funk causa. A entrevista foi gravada em vídeo e está disponível no YouTube como título “Entrevista com a antropóloga Adriana Facina pt. 1” <<https://www.youtube.com/watch?v=ZaUqaXbYCYU>> acesso em 24 de ago. de 2019.